

questões que dizem respeito às
áreas das experiências dos outros
ou se reportam unicamente a
conflitos-fantasmas que se nos
erguem da imaginação naquilo
que, em verdade, nunca aconteceu.

EMMANUEL

O SALVADOR INESPERADO

Era uma jovem artista, diferente...
Contava apenas quinze primaveras,
Mas atraía em muita gente
Interesse, atenção, bondade,
simpatia.
Sabia interpretar mensagens
de alegria
E enriquecer canções
Que o público aplaudia
Em palmas e ovações.

Mas, em casa, essa jovem
Tomava outra figura,
Parecia uma fera caprichosa!

Trazia exteriormente a beleza
da rosa
E por dentro de si todo um arsenal
de espinhos.

O pai, viúvo e só, notava isso
E ao ver a filha única, vaidosa,
Ele, humilde operário, agarrado
ao serviço,
Começou a beber, buscando o
esquecimento;
Lamentava a viúvez, a dor,
o desalento...

E, ao estragar-se, um dia,
Ouviu a filha, em dura rebeldia,
A expulsá-lo do lar:
- Vá-se embora daqui - disse a filha
a gritar -
O senhor já não manda nesta casa,
Um pai bêbado é nódoa para mim;
A tolerância sempre chega ao fim...

O seu vício me arrasa,
Saia, saia daqui, seu lugar
é na rua!...

O pobre pai mal pôde levantar-se,
Mas ergue-se, recua,
E vai cambaleando na calçada,
Enquanto a filha tranca a porta
E vai dormir mal-humorada.

.....

Seis anos transcorreram sobre
a cena;
A menina fizera-se famosa.
No circo de alto luxo, ela domina...
Parecia, em trapézio, uma estrela
divina

Ou borboleta humana,
Bailando soberana.
Era a dona dos prêmios e era vista
Por beleza sem par e modelo
de artista.

Veio uma grande noite. Aplausos.
Alegria.

A platéia delira. E a multidão das
palmas,
O número da moça é quase
que magia.
Há espanto nos olhos, êxtase
nas almas...
O trapézio voava, ela saltava e ria,
De corpo semi-nu, em leve fantasia.

Nisso ocorre o imprevisto. Ante
a platéia atenta,
Surge um curto-circuito e faísca
violenta
Ateia fogo em cima e arrasam-se
estruturas;
A jovem trapezista atrapalha-se
e agarra
Uma viga de amarra
Que fica nas alturas...
Ela, a estrela da equipe, a moça bela
e forte,
Grita e roga socorro, ao conhecer-se
Em presença da morte.

O incêndio se desata, o circo se
esvazia,
A jovem grita, grita e ninguém
a escuta;

A multidão de longe apenas segue
Os detalhes cruéis daquela imensa
luta.

Mas um velho palhaço, um
canastrão de arena,
Vara o fogo e se eleva, em corda
frágil;
Eis que o povo lhe exalta a coragem
serena...
Certa viga, ao cair, espanca-lhe
a cabeça,
Ele, porém, não pára e, ante
a fumaça espessa,
Alcança a moça aflita e, tomando-a
nos braços,
Desce, devagarinho,
Procurando caminho,
Nos bancos chamejantes,
em pedaços...

Mas, ao depor no chão a moça
linda e salva,

